

A crítica nietzschiana da cultura moderna na primeira consideração extemporânea: David Strauss o confessor e o escritor

Luciana Vieira de Lima⁴¹

Resumo

Este artigo aborda a crítica nietzschiana a respeito da cultura de sua época. Partindo da premissa que a cultura é um elemento primordial para a vida humana acreditando que uma cultura mais forte – superior – poderia gerar sujeitos mais criativos, distintos e poderosos. Na primeira Consideração Extemporânea, Nietzsche elabora uma análise criteriosa da cultura moderna alemã, elucidando que há um empecilho para ela, que são os “filisteus da cultura”, que para ele são em grande parte os professores nas Universidades da Alemanha na época. Neste sentido, a cultura e a educação são inseparáveis, sendo necessário analisar os conceitos de filisteu da cultura e do erudito, para pensar novas perspectivas para a educação de modo que ela possa servir de alicerce para uma cultura mais forte.

Palavras-chave: Nietzsche, cultura, filisteu.

The nietzschean critique of modern culture in the first consideration extemporeaneous: David Strauss the confessor and the writer

Abstract

This article discusses the critical nietzschean about the culture of his time. Starting from the premise that culture is a key element for human life believing that a stronger culture - superior - could generate more creative, distinctive and powerful subjects. In the first Untimely Meditations, Nietzsche draws up a careful analysis of modern German's culture, explaining that there is a hindrance to it, which are the "culture of the philistines," which for him are largely teachers in German universities at the time. In this sense, culture and education are inseparable, being necessary to analyze the cultural philistine concepts and scholar, to think new perspectives for education so that it can serve as the foundation for a stronger culture.

Keywords: Nietzsche, culture, philistine.

⁴¹Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) na linha: Cultura, Escola, Ensino e bolsista pela CAPES.

e elabora uma crítica contundente à cultura de sua época. Para ele a cultura é um elemento primordial para a vida humana, acreditando que uma cultura mais forte – superior – poderia gerar sujeitos mais criativos, distintos e poderosos.

O texto foi redigido em um momento em que a Alemanha passava por mudanças⁴³ importantes nos âmbitos: político, social e econômico, com efeitos sentidos nas esferas da educação e da cultura – os dois pontos que ganham maior destaque neste artigo.

Nesta Extemporânea, o filósofo concebe uma análise criteriosa da cultura moderna, constatando que o maior empecilho para o desenvolvimento do que ele denomina de “cultura superior”, são os filisteus da cultura, e estes se encontram no cerne da cultura moderna, não possibilitando o desenvolvimento cultural e também proliferando o filisteísmo cultural, já que eles são a maior parte dos professores nas universidades alemãs.

Segundo Fink (1988) a crítica de Nietzsche é direcionada à racionalidade dominante na cultura do ocidente, que possui como conjectura o Iluminismo, o Idealismo – hegeliano – e uma Metafísica – dualista –, pois, para o pensador, a cultura não deve mover-se em torno do poder científico e econômico, deste modo, os valores de uma cultura não podem orientar-se pelo poder político e financeiro de um povo.

⁴²Friedrich Wilhelm Nietzsche, entre 1873-76, redigiu uma série de quatro textos, intitulados de Considerações Extemporâneas, sendo a primeira David Strauss o confessor e o escritor; a segunda: Da utilidade e desvantagem da história para a vida; a terceira: Schopenhauer como educador; a quarta e última: Wagner em Bayreuth. Esses textos podem ser lidos e interpretados individualmente como fazem muitos estudiosos ou tomados como um projeto crítico a respeito da cultura da época do filósofo.

⁴³Segundo Júlio Bentivoglio (2010), os anos compreendidos entre 1806 a 1871 foram um período de suma importância para a história alemã. Entre a derrota para Napoleão em Iena, que provocou forte repercussão, e, posteriormente, a vitória sobre a França, culminando na incorporação dos territórios de Alsácia e Lorena por Otto von Bismark, sucederam-se eventos que contribuíram para a emergência do nacionalismo alemão e para a fundação do Império Germânico capitaneados pelo Reino da Prússia. Desse modo, é possível afirmar que foi a ocupação napoleônica que marcou a necessidade de integração e o desejo do nacionalismo alemão. Surgido nesse contexto, em 1871, o império alemão marcado por uma forte conotação militar. O próprio Bismark tornou-se imperador alemão após três guerras vitoriosas: contra a Dinamarca, a Áustria e a França, eventos que propiciaram uma difusão da confiança no exército que, combinado com o orgulho nacional, contribuíram para a formação do Reich Alemão. Bismark acreditava que o sucesso da força militar se encontrava na combinação entre a eficiência industrial e a econômica. Ainda, Scarlett Marton (1993) aponta que ao concluir o processo de unificação, Bismark percebeu a necessidade de criar novos laços entre cultura e educação para que os estados alemães se tornassem mais fortes, logrando suprir as particularidades e diferenças regionais, contribuindo com o aumento do processo de industrialização, ampliação do mercado interno e a consequente revindicação de formação de mão-de-obra especializada. Para tais empreendimentos, surgiu a necessidade de uniformização da educação e da cultura. Assim, segundo Norbert Elias (1997), a unificação da Alemanha estaria ainda associada ao surgimento de uma nova classe: a burguesia, que almejava ter acesso aos bens culturais, gozados antes somente pela nobreza, reivindicando, também, que os funcionários de suas indústrias adquirissem uma formação voltada para um melhor desempenho em suas tarefas, contribuindo, de forma significativa para o aparecimento, em escala maior, de escolas técnicas e cursos de especialização, para suprir as necessidades do mercado. Com estas premissas, a cultura se rendeu aos caprichos da moda e às exigências do momento, ditadas pela opinião pública. Já, para Fritz Ringer (2000), no decorrer do século XIX, a história da educação superior alemã esteve intimamente ligada à evolução da burocracia germânica na qual o Estado buscava ampliar a cultura para fins específicos que fossem úteis a ele, como a ampliação da educação, visando formar bons técnicos que pudesssem realizar seu trabalho de maneira mais eficiente, gerando lucros maiores ao seu patrão.

Para Nietzsche, os valores culturais deveriam ser instituídos pelos filósofos e pelos artistas; para ele, o que existia na Alemanha de sua época são apenas os filisteus da cultura, que não possibilitavam uma visão crítica deste saber e apenas repetiam valores fragmentados, encyclopédicos e superficiais.

De um modo genérico, a modernidade pode ser caracterizada como a era da propagação da atividade racional e de seus produtos, como: a ciência, a tecnologia, a economia, a política e a cultura. A modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente. (BAUDELARIE, 2007, p.26).

No final do século XVIII, começaram aparecer às primeiras críticas à imprensa e à cultura, que se sustentavam em observações a respeito do lazer e da vida do sujeito moderno, pois, com o advento da Revolução Industrial e o crescimento da democracia, surge uma literatura jornalística e popular, e também reflexões sobre os impactos desta literatura no sujeito moderno. Em 1840, a imprensa se torna um campo fértil para calorosas discussões entre seus críticos e entre seus admiradores; pois, para os críticos, a imprensa não passava de banalidade, distração, promovendo, assim, uma conformidade e uma passividade. Já, em contrapartida, para seus admiradores, era um instrumento de esclarecimento.

O filósofo criticava a cultura, valores e as instituições modernas que eram baseados no Iluminismo e, neste particular, ele enxergava que a cultura e a formação moderna se constituíam como negação.

É possível perceber que há dois tipos de cultura para o pensador: A superior, que está intimamente ligada à formação – *Bildung* – e à educação, sendo esta a cultura que Nietzsche procura recuperar, chegando a opô-la à política; a segunda é a cultura de filisteus considerada como degenerativa e decadente. A educação seria o maior instrumento para se alcançar a cultura superior nietzscheana, já que não seria possível a existência de uma cultura sem um projeto educativo eficiente; ou seja, sem uma cultura para servir de alicerce, não é possível existir educação.

1. O Filisteu da Cultura

Na primeira *Consideração Extemporânea David Strauss, o Confessor e o Escritor*⁴⁴, o filósofo inicia seu texto com reflexões sobre o nacionalismo exacerbado dos alemães, no entanto, Nietzsche argumenta que uma vitória militar não quer dizer, em hipótese alguma, que seja o mesmo que uma vitória de uma cultura sobre a outra, ou seja, superioridade militar não é superioridade cultural.

Nesta *Extemporânea*, o alvo de suas primeiras críticas em relação à cultura, é dirigida ao teólogo alemão David Friedrich Strauss⁴⁵, iluminista popular da segunda metade, do

⁴⁴Texto fortemente datado, pois fora produzido após a vitória da Prússia sobre a França.

⁴⁵Nasceu em Ludwigsburg em 27 de janeiro de 1808, e faleceu em 08 de fevereiro de 1874 na mesma cidade. Foi aluno de Hegel, Schelling e Hölderlin tornando-se professor de Teologia em Tübingen a partir de 1828. Conquistou sua fama especialmente com sua primeira obra: A vida de Jesus criticamente examinada, (1835-36)

século, que publicara seu primeiro livro: *A Vida de Jesus*, em 1835, levando ao grande público uma crítica racionalista do cristianismo; já, em 1872, publica um livro de confissões que fora muito lido e aclamado na Alemanha da época, *A Velha e a Nova Fé*, transformando-se em inimigo da corrente artística de Wagner.

Segundo Janz (1981), Nietzsche lera aos vinte e poucos anos de idade o primeiro texto de Strauss, ficando impressionado e admirado com sua crítica filológica. Já nos últimos escritos de Strauss, o filósofo encontra um exemplo do filisteísmo cultural que exercia grande influência na Alemanha depois da guerra Franco-Prussiana. O pensador enxerga Strauss como o maior dos filisteus da cultura,⁴⁶ pois além de seu livro ser um dos mais lidos na Alemanha, ele também era um erudito professor universitário que influenciaria e modelaria a juventude alemã. Este fato, para Nietzsche, era inconcebível, pois um filisteu da cultura não poderia ser tutor da juventude alemã, já que o filisteísmo era somente a degeneração da cultura moderna.

Para o pensador esse “último Strauss” não assemelha-se àquele “outro” que publicou, a obra *A vida de Jesus*, que tinha como alicerce uma forte crítica às bases dogmáticas e históricas do cristianismo. A respeito do “primeiro” Strauss, que lera na juventude, Nietzsche afirma:

Em um outro tempo um Strauss que era duto e bravo, rigoroso e nada mal vestido, e que era simpático a todos que na Alemanha servem com seriedade e enfatizam a verdade e sabem ser senhores dentro de seus limites; este, que agora é famoso na opinião pública com o de David Strauss, e se transformou em uma pessoa distinta. (NIETZSCHE, 2000, p. 102, tradução nossa).

Mas do Strauss da *Nova e velha fé* já não se pode afirmar o mesmo, pois em relação àquela “outra pessoa” que, ficou conhecido na opinião pública como David Strauss.

Nietzsche não nega que o povo alemão armazenou muitos saberes e erudição, mas o filósofo argumenta que erudição e saber não são necessariamente um meio para a cultura, o conhecimento acumulativo da ciência moderna não é mais que uma mistura caótica de todos os estilos, que resulta justamente no seu contrário que acaba por tornar os modernos em bárbaros.

Ao criticar duramente Strauss, Nietzsche atacava toda a casta da cultura alemã de sua época, que se transformara em cultura de filisteus. Este era o espírito iluminista que proclamava uma mudança cultural na Alemanha moderna, mas que se transforma em cultura fazendo uma investigação histórica para desmistificar a figura de Jesus e, tendo como consequência sua demissão na universidade. Já com a obra *A velha e a nova fé*, de 1872, consolidou seu afastamento dos círculos teológicos e marca sua adesão a um materialismo mecanicista. (PASCUAL, 2000).

⁴⁶Os filisteus são, provavelmente, parte de uma confederação de grupos de povos, originária da região do Mar Egeu e de Creta (Caftor - Am 9.7; Jr 47.4). Chegaram a Palestina e se estabeleceram ali por volta dos séculos XIII e XII a.C., depois de trabalharem como mercenários para governantes hititas, cananeus e egípcios, e serem derrotados pelos últimos. Os “Povos do Mar”, como eram conhecidos, já vinham atacando o Egito desde a época de Ramsés II, quando este os derrotou e os obrigou a guerrearem na batalha de Cades contra os heteus (1275 a.C.). (HOUAISS, A.; VILLAR, S. M., 2001, p.1343).

livresca, enciclopédica e jornalística. Deste modo, os eruditos – professores – se tornam especialistas em função desta sociedade, que busca apenas o utilitarismo e a cultura do trabalho, deixando-o muito preocupado e incomodado, pois o filisteísmo cultural se tornou em tendência cultural burguesa, passando a ser o sinônimo de erudição. O aspecto determinante do ataque de Nietzsche para com Strauss é a relação elaborada entre o autor de *A Velha e a Nova Fé* e o “filisteísmo cultural”, uma maneira que o filósofo encontra para expressar a similitude que traduz o espírito dominante de sua época.

Neste texto, Nietzsche tem como foco principal não o livro de Strauss, mas, sim, o problema da cultura, ou mais precisamente, dos filisteus da cultura; o que importa a Nietzsche não é exatamente o teor filosófico da obra de Strauss, ou seu posicionamento para com as questões do cristianismo. Para Nietzsche em Strauss não interessa a questão da fé, seja antiga ou nova, mas sim por ele ser um expoente de uma cultura “sem sentido, sem substância, sem meta: uma mera ‘opinião pública’, e do equívoco que significa “[...] acreditar que o grande êxito alemão com armas demonstre algo em favor desta cultura [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 67), e por último, o fato dele ser o característico exemplar das do “livre pensador” que possui “ideias modernas”, ou seja o “o típico filisteu da cultura alemão e *satisfait*” (PASCUAL, 2000, p.7, tradução nossa), a intenção de Nietzsche ao atacar duramente Strauss era atingir toda a cultura de sua época.

O contexto da análise do artigo será a crítica de Nietzsche à cultura moderna e suas perspectivas filosóficas, para tanto, será necessário percorrer o trajeto do pensador na formulação de sua crítica. Na primeira *Consideração Extemporânea*, encontramos o cerne de sua crítica à cultura, sendo necessário analisar e entender quais são os pressupostos para transcender à cultura de filisteus e também compreender quais são os obstáculos para uma “cultura superior”. Para tanto se faz necessário compreender o que Nietzsche quer dizer com filisteu da cultura.

Ao afirmar que a Alemanha de sua época se encontrava em um estado de miséria cultural, Nietzsche questionou como isto poderia ter ocorrido, indagando a respeito de qual força estaria por trás da opinião pública e, também, inquirindo que tipo de homem estaria no comando da Alemanha. Para Nietzsche, a resposta para estes questionamentos seria um homem que é fruto do cientificismo, otimismo e triunfalismo dos novos tempos que sopravam na Alemanha, o que o filósofo denominou de filisteu da cultura.

O vocábulo filisteu é tomado, como é sabido, da vida estudantil e em seu sentido lato, é inteiramente popular, em contraposição aos filhos das musas, do artista, do autêntico homem da cultura. Os filisteus da cultura, no entanto, [...] se diferencia da ideia universal do gênero “filisteu” por uma crença supersticiosa: ele tem a ilusão de ser mesmo um filho das musas e um homem de cultura; ilusão inconcebível, da qual se desprende que ele não sabe em absoluto nem o que é um filisteu e nem o que é sua antítese: motivo pelo qual não devemos nos surpreender que ele na maioria dos

casos, jure solenemente não ser um filisteu. (NIETZSCHE, 2000, p. 35, tradução nossa).

Por que os filisteus acreditavam ser então o protótipo do homem culto? Primeiramente, porque eles não possuíam consciência da sua condição; em segundo plano, acreditavam também possuir uma formação – *Bildung* – que exprimia essencialmente a autêntica cultura alemã e, “como todas as instituições públicas, estabelecimentos docentes, culturais e artísticos são organizados de conformidade com a cultura e necessidades próprias do filisteu” (NIETZSCHE, 2000, p. 35), em todos os lugares encontravam-se pessoas instruídas da mesma maneira, carregando um sentimento triunfalista de serem legítimos modelos da cultura alemã e confundindo instrução com formação.

Ainda, sobre o conceito de filisteu, Charles Andler escreveu:

Desde o século XVI nos meios acadêmicos/universitários eram chamados de filisteus a burguesia submissa às leis, destinados aos negócios que se recusavam à sedutora liberdade estudantil. Os românticos, e com eles Brentano e Heine, analisando essa burguesia viam nela uma baixeza de alma/espírito unicamente atadas (ligadas) às realidades mais palpáveis. (ANDLER, 1958, p. 501, tradução nossa).

Este conceito estava vinculado estritamente ao uso acadêmico para reportar a pessoas que executavam as leis e que também cumpriam seus deveres de servidores da ordem, repelindo qualquer manifestação de liberdade, principalmente a do meio estudantil. Com Heine e Brentano, o mesmo termo se estendeu um pouco mais, pois eles o usavam para criticar aqueles que abriam mão de qualquer entendimento em prol de bens materiais, este homem se tornava, então, inculto.

Nietzsche ampliou a extensão do conceito de filisteu da cultura, utilizado anteriormente no meio acadêmico europeu, demonstrando que a cultura se tornara um mero instrumento de reprodução e de opiniões sem fundamento, ou seja, um sujeito que possui laços somente com coisas banais, materiais e convencionais, deste modo, o homem moderno alemão estava atrofiado, segundo o filósofo, com tal comportamento a vitalidade cultural estava sendo minada.

Neste sentido Marton também apresenta o que seria um “filisteu da cultura”, na visão de Nietzsche:

Personagem de bom-senso, inculta em questões de arte e crédula na ordem natural das coisas, o ‘filisteu’ recorria ao mesmo raciocínio para tratar das riquezas mundanas e das culturais. O poeta Heine diria que ele pesava, na sua balança de queijos, ‘o próprio gênio, a chama do imponderável’. Ao formular a expressão ‘filisteus da cultura’, é nessa mesma direção que Nietzsche caminha. (MARTON, 1993, p.18).

A cultura de filisteus é, para Nietzsche, uma cultura negativa, um obstáculo para os homens fortes e criativos que gostariam de buscar metas mais elevadas. Os filisteus da cultura são, segundo o filósofo, adoradores do passado que se agarram a normas pré-estabelecidas como um edifícioável e seguro da cultura moderna, para quem não seria preciso criar nada, pois, para eles, tudo estava edificado. Segundo Nietzsche, os interesses dos filisteus eram estritamente materiais e convencionais, para eles não existia problema algum de cultura ou de estilo. Alegavam: “Temos nossa cultura”, dizendo também: “Já temos nossos ‘clássicos’, não somente o alicerce está lançado, mas também sobre este alicerce está erguido o edifício – nós mesmos somos esse edifício”. (NIETZSCHE, 2000, p.38, tradução nossa).

O filisteu é falante, eloquente e ingênuo, porque quando se reúne com os seus, frequentemente relembra e exalta a guerra e os acontecimentos anteriores como se fosse detentor de todo o conhecimento sobre determinados assuntos, mas, na verdade, ele não passa de um tagarela vazio e insosso, exaltando os clássicos, como se conseguisse dali capturar a sua essência. E com os livros nas mãos esses

[...] acomodados procuraram, então, de uma vez por todas, chegar a um acordo com os clássicos, que levam a pensar, e com as exortações para a busca dos clássicos; eles descobriram o conceito de “idade dos epígonos” com o único fim de estarem tranquilos para poderem recusar o veredito de “obra de epígonos” [...]. Com o mesmo objetivo, de garantirem sua tranquilidade, esses acomodados se apropriavam da história e buscando transformar em disciplinas históricas todas aquelas ciências, ante toda a filologia clássica e a filosofia. (NIETZSCHE, 2000, p.39-40, tradução nossa).

Nota-se, portanto, um uso indiscriminado da história com um viés utilitarista, transformando os bens culturais em produtos. A noção de posse do conhecimento é carente de coerência e consistência, porque acaba por suprimir a característica essencial do processo de conhecimento: a abrangência, pois a reprodução é passiva e conformista, não propiciando nenhuma criatividade, não estimulando nada, os filisteus são homens conformistas.

O filisteu culto que usa e comprehende, de maneira superficial, os clássicos, encontrou em Hegel uma filosofia que comunga com ele, “uma filosofia que escondeu o credo do seu autor sob cachos ondulados de seu autor” (NIETZSCHE, 2000, p.40, tradução nossa), inventou uma fórmula para divinizar a vida cotidiana: “falou de uma racionalidade de todo real”. (NIETZSCHE, 2000, p.40 tradução nossa). Contudo pode-se observar que na Primeira *Extemporânea* existe uma crítica à filosofia hegeliana, embora o ponto principal da crítica nietzschiana não seja Hegel, mas, sim, a maneira que os filisteus faziam da sua filosofia.

Por mais inculto que o filisteu fosse, não faltava a ele um filosofar, conforme destaque de Andler, quando relata que o filisteu “ao observar a admirável finalidade que reina na natureza” indagava se “as árvores são verdes porque verde é salutar aos olhos”.

(ANDLER, 1958, p.501, tradução nossa). Só que, logo na sequência, conforme Heine, este mesmo filisteu, crédulo a respeito da ordem natural das coisas, retomava seus hábitos de cálculo e não hesitava em pesar na sua balança de queijo o próprio gênio, assim o filisteu não favorecia a criatividade individual, comportando-se de maneira subserviente ao Estado e à opinião pública.

A crítica nietzschiana fica mais precisa e intensa pelo fato de o Estado ser o gerador do filisteísmo por meio da formação oferecida por suas instituições.

O Estado estava míope acerca dos verdadeiros valores que uma cultura autêntica requer; assim, ao se alvoroçar como representante legítimo da cultura, o filisteu passa a possuir razão, já que, por toda a nação, existe uma corroboração para seu comportamento, pois, tanto em instituições de ensino, quanto artísticas, demonstra que seu comportamento não é uma exceção, mas representa um coroamento deste processo.

O fato, revelado por Nietzsche, é uma constatação de que tal modelo não é uma situação passageira, mas um programa cultural sustentando o cerne da sociedade alemã, perpassando as bases das instituições culturais com destaque para as instituições de formação, sendo elas as responsáveis pelo espaço de criação de bens culturais e pela sua disseminação.

A crítica efetuada pelo filósofo era que o poder na Alemanha moderna estava sob o domínio dos filisteus, e o exercício de tal poder não se restringia ao campo político: de maneira consistente eles adentraram nas esferas das instituições educacionais. O caso do filisteu era preocupante, pois além de ser o representante da redução da cultura, ao mesmo tempo ele era o embaixador da barbarização, porque disseminava entre jovens seu processo de formação. Assim, as instituições educacionais e culturais eram de caráter ilusório naquilo que diz respeito à dimensão de formação e na modelagem destes estabelecimentos, isto é, a educação alemã estava pactuada com os princípios do filisteu.

Para Nietzsche, “agora o filisteu da cultura autoriza a todos e a si mesmo” (Nietzsche, 2000, P.40), sob sua tutela pode-se criar músicas e poemas, estetizar, pesquisar, refletir e produzir filosofias. O Estado Alemão consentia e concordava com as atividades produzidas e disseminadas pelo filisteísmo, os dois extrapolaram nos limites entre o que diz respeito ao Estado e aquilo que é essencial à cultura.

Em primeiro lugar essa cultura filistéia exibe em seu semblante uma expressão de satisfação e não quer que se efetue nenhuma mudança essencial no estado atual da cultura alemã; antes de tudo, ela está honestamente convencida da singularidade de todas as instituições educacionais alemãs, principalmente do ensino médio e das universidades, não deixando de exaltá-las para os países estrangeiros, e sem duvidar por um só instante que, graças a elas, se teria obtido o povo mais culto do mundo, e o povo mais capacitado para ditar sentenças. (NIETZSCHE, 2000, p.85, tradução nossa).

Neste modelo, o Estado tinha uma função a desempenhar no desenvolvimento da cultura: ser o molde para tal sociedade. Sem este molde ficava impossível florescer uma cultura autêntica, pois quando o Estado olha somente para si como um fim absoluto, subordinando todos os fenômenos da cultura aos seus interesses, torna-se inimigo da cultura ou, no mínimo, seu entrave.

O filisteu rendeu-se aos interesses expansionistas do Estado, sobrepondo-se aos interesses da formação e já que era um funcionário desse Estado não defendia nenhuma alteração significativa no campo cultural. Assim, “pobre da arte que comece a levar a si mesma a sério e apresente exigências que atentem contra o salário, o negócio e os hábitos do filisteu [...]” (NIETZSCHE, 2000, p.41, tradução nossa).

O filisteu culto, aquele formado nos moldes dos institutos alemães, possuía sua própria regra: de abranger em um mesmo conjunto o formador, o formado e o formando. As mudanças que ocorriam na Alemanha desembocaram em novas tendências para a nação, tempos estes denominados pelo filósofo como: “obscuros e difíceis para a cultura”. (WEBER, 2003, p.100). A formação passa a ser um direito integral do homem moderno, visto que cabe à educação o cumprimento dos valores, tanto no âmbito social quanto no individual. Nietzsche criticava a nuance existente entre o caráter implícito da universalização do saber e da formação, pois essa universalização ostentava o processo de formação alemã; esta tendência não buscava a verdadeira cultura e nem uma formação de qualidade, mas uma educação quantitativa. O que estava em jogo era o acesso indiscriminado do maior número de pessoas à formação cultural e educacional, requisito para a consolidação de um Estado recém-formado. A educação tornou-se útil ao Estado da mesma forma que aos homens de negócio, mesmo precisando da cultura, somente a usavam exigindo, em troca, um preço, ou seja, os interesses pessoais do negócio prescreviam o fim e os limites da cultura. O filósofo não recusou a possibilidade do acesso às escolas ao conjunto de membros da nação alemã, ao contrário, procurou mostrar que a universalização do acesso à escola não implicava garantia do acesso à cultura. A universalização da formação, para Nietzsche, fomentou a banalização dos bens culturais, na medida em que o acesso passou a ter apenas o caráter de instrução fazendo com que a formação se fragmentasse em prol dos interesses do Estado e do desenvolvimento da ciência. O filisteu acreditava na ciência, e esta veio para ocupar o que outrora era espaço da religião; deste modo, a religião e a ciência compartilham o mesmo objetivo que, para o filósofo, visava subjugar e anular a cultura.

O Filisteu também é “aquele que é ou se mostra inculto e cujos interesses são estritamente materiais, vulgares, convencionais; que ou aquele que é desprovido de inteligência e de imaginação artística ou intelectual” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1190).

Outro termo importante a ser esclarecido é o do erudito⁴⁷ - *Gelehrte* -, já que ele exerce um papel específico e importante dentro da academia: o de ser o representante da

⁴⁷Erudito é aquele que possui instrução, conhecimento ou cultura variada, adquiridos especialmente por meio da leitura. (HOUAISS, A. ; VILLAR, S. M., 2001, p.1190).

ciência e, tornando-se, assim, o alicerce da cultura no interior da universidade, um filisteu.

2. O Papel do Erudito na universidade

A partir do século XV, o erudito se referia ao sujeito perito tanto no conhecimento da vida civil, mundana, como também na vida espiritual. Era o sujeito versado em questões jurídicas; erudito referia-se àquele que possuía uma excelente formação, era o homem instruído, disciplinado e douto; ele era o sujeito da ciência. Já se atribuiu ao erudito também a conotação do homem que dominava o latim, aquele que sabia escrever.

Para os pensadores do idealismo alemão, ao ser o homem da ciência, o erudito, que fora formando no novo modelo de universidade alemã, deveria ter o potencial de perceber ou captar a totalidade das ciências para somente depois sistematizá-la, e isto somente seria possível por meio do exercício e pensamentos filosóficos que todo cientista deveria ser convededor.

O erudito, visto como cientista, não deveria estar restrito a um único ramo do saber, a ciência deveria ser entendida pelo cientista – erudito – como uma relação de universalidade, pois, desta forma, a interdisciplinaridade deveria ser um pressuposto, para que tal ciência se realizasse.

Neste sentido, esta exigência fará das pesquisas algo a ser percebido em uma suposta totalidade. Assim, a universidade seria um lugar privilegiado, pois lá estariam os homens que estariam interrassados em uma universalidade.

Mas com o tempo percebeu-se, então, uma impossibilidade de o erudito abracer a totalidade do saber, devendo, então, escolher partes específicas do conhecimento para se dedicar. Deste modo, ele passa cada vez mais a se distanciar da tentativa de abracer uma totalidade e a fragmentar seu campo de conhecimento, tornado-se inculto tanto quanto a própria massa.

Neste momento, podemos abordar as reflexões que Nietzsche fez a respeito do erudito. Para ele, o erudito na modernidade é a consequência de um dos desdobramentos do dogma econômico e nacional de sua época. O erudito, enquanto representante da ciência, seria um redutor da formação, já que ele não precisava ser bom em nada, pois sendo um especialista dedicava-se a uma restrita área do conhecimento, passando a ignorar todas as outras. O pensador nos fornece indícios de como ocorreu a proliferação do filisteísmo da cultura, já que todo o projeto educacional universitário se pautava na sistematização de especialistas. Sendo esta a concepção da universidade alemã de seu tempo, a de uma ciência idealista, onde a realização da ciência ocorria de maneira instrumental e de referencial bibliográfico, as questões filosóficas são cada vez mais deixadas de lado em prol da ciência. (NIETZSCHE, 2000).

Para Nietzsche, o erudito transformou-se em homem da ciência, que tratava da complexidade da existência humana como um problema conceitual que pode ser observado,

analisado, e transformado em lei. O cientista é o homem que não vê a vida como uma potência do vir-a-ser, mas busca apenas restringi-la a generalizações universais, negando qualquer tipo de experiência, pois sua instrução está voltada para elaborar pesquisas em um domínio determinado, “unicamente porque não acham absolutamente que possam existir outros”. (NIETZSCHE, 2003, p. 194).

Para Noéli Melo Sobrinho (2003, p.22), o erudito “é um paradoxo, na medida em que, embora movido por um exacerbado ‘instinto de conhecimento’ e pela pressa do conhecimento, ele não chega a alcançar uma visão abrangente e real a respeito da vida e do mundo”, não conseguindo vislumbrar o quão problemático ele é por querer a qualquer custo a certeza da verdade, já que busca a estabilidade; o erudito é um intelectual limitado “por sua conformidade acrítica ao presente: a sua aparente neutralidade é exatamente uma expressão desta conformidade”. (MELO SOBRINHO, 2003, p. 23). Segundo Jorge Larrosa (2005, p. 37), o erudito “representa o nanismo intelectual, o ir daqui para lá consultando livros, mas sem conseguir nunca ‘receber uma impressão insólita ou ter um pensamento decente’, o falar dos livros, mas sem saber escutar o que têm para dizer”. Neste sentido, não é necessário ao erudito nenhum tipo de talento, uma vez que ele se encontra no terreno do saber limitado e superficial, além do fato de ele somente conseguir produzir no máximo outros eruditos, o que, para Nietzsche, era muito prejudicial para a cultura. Para o filósofo, o erudito, como educador, sabe somente reproduzir os padrões em que foi formado, e na “rotina adquirida”, ele “escolhe em particular os livros com os quais sente uma certa afinidade” (NIETZSCHE, 2003, p. 194) afastando-se de tudo que não comunga com sua forma de pensar, só se coloca a serviço da “verdade, quando ela está em condições de fornecer diretamente gratificações e progressões na carreira” (NIETZSCHE, 2003, p. 195). ou, ainda quando “está em condições de conquistar o favor daqueles que distribuem o pão e as honras” (NIETZSCHE, 2003, p. 194) neste caso, o Estado, que vislumbrava uma adaptação das ações dos homens para com seus objetivos.

Nietzsche nos alerta justamente para a característica primordial das instituições de ensino de sua época que é o fato de a ciência não estar subordinada a nenhuma disciplina ou princípio que seja a ela superior; o cientista é o sujeito que não possui um pensamento crítico, pois ele se volta para um campo restrito.

O erudito se apresenta na modernidade como um homem abstrato, desprovido de pensamentos que estão envoltos de signos, tornando-se um personagem debilitado, pois ele fora educado apenas para a ciência e não para a vida. Em uma cultura, baseada em formação científica, não existe lugar para reflexões, já que ele deveria ser o verdadeiro homem da cultura, possuindo um espírito original e forte.

Neste ínterim é importante destacar o texto *Conferências Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*, pois trazem contribuições valiosas e de extrema importância ao debate, pois o pensador, em suas reflexões, aponta questões centrais em relação à formação – *Bildung* – dos jovens, para o pensamento e para o desenvolvimento de uma cultura. O campo

de investigação, para o filósofo, são as instituições de ensino superior da Alemanha de seu tempo. Para Nietzsche, a modernidade reduz a cultura ao que ele denomina de cultura de filisteu, ou seja, a cultura é limitada aos especialistas que obedecem a uma divisão no trabalho científico. O especialista é um alienado e produtor de uma “pseudocultura”, distanciando-se cada vez mais daquilo que possa levá-lo a uma cultura superior, pois não existia uma autonomia na vida acadêmica da Alemanha.

Nietzsche afirma que o Estado possui um grande interesse na universalidade da cultura e da educação, pois este nivelamento se torna muito útil para si. Da mesma forma que os homens de negócios, embora precisem da cultura e a ajudam, cobram um alto preço da sociedade, ou seja, o interesse do negócio determina os limites e o fim da cultura. E tal subordinação da cultura e da educação aos interesses comerciais e o Estado deixa de lado o verdadeiro fim da cultura, que deveria ser a produção de uma cultura superior – forte – e de homens fortes – sadios.

Considerações finais

A cultura, para o pensador, deve ser acima de qualquer outra coisa, “a unidade de estilo em toda a expressão vitais de um povo” (NIETZSCHE, 2000, p. 31, tradução nossa). Conhecimentos e saberes em longa escala não são sinais e nem essência para a existência de uma cultura; tais saberes e conhecimentos podem muito bem “coexistir” bem mais harmonicamente com o que se opõe a cultura, ou seja, uma falta de estilo absoluto ou uma desordenada mistura caótica de todos os estilos que acarretará em um barbarismo, para o pensador.

Nietzsche afirma que os alemães possuem conhecimentos da história e do passado, mas eles não estão unificados sob uma forma vital, permanecem apenas na memória, possuem também conhecimentos a respeito da cultura, mas não são cultos, pois não a vivenciam. Estes conhecimentos, para o filósofo, são como meras ruínas históricas e continuam assim, pois não contribuem em nada com a vida. Os alemães não deveriam se contentar em acumular conhecimentos sobre conhecimentos, mas unificá-los, fazendo disto uma “unidade de estilo”, buscando uma cultura que fosse original, levando-os, assim, a uma vida criativa, pois deste modo, e torna-se-iam senhores de si.

Para Copleston (1953, p. 59):

o alemão tem o conteúdo – “um montão enorme de conhecimentos – pedras que ocasionalmente chocam dentro do seu corpo” – mas não tem a forma, desde que não há nada externamente que corresponda ao conteúdo de tais conhecimentos. É como um homem que come sem fome ou sem necessidade, de forma que os alimentos não vão lhe fortalecer o organismo, ou como a serpente que engoliu um coelho inteiro e que, depois, se deixa ficar estirada ao sol, evitando todo o movimento que não seja absolutamente necessário.

Segundo Nietzsche, a cultura denota um processo natural, genuíno, criador e de vida, não devendo ser um apanhado de conhecimentos históricos; deve incluí-los, mas tais conhecimentos não devem ser essenciais para a cultura. Os alemães possuem um saber de vida, possuem, sim o conteúdo, mas não a forma, envaidecem-se de uma cultura, que por si não é cultura de maneira nenhuma, mas simplesmente um saber sobre ela.

Outro grande problema na cultura para Nietzsche, é o fato dela se tornar cada vez mais jornalística e fragmentada,

Eu percebo esse delírio e essa confiança no comportamento seguro dos escritores alemães e de jornais, dos fabricantes de romances, tragédias, canções e histórias: pois salta a vista que essa gente forma um grupo para apoderar-se das horas de ócio e de digestão do homem moderno, ou seja, dos seus “momentos de cultura” e atordoá-lo nesses momentos com papéis impressos. (NIETZSCHE, 2000, p. 29 - 30, tradução nossa).

O jornalista ocupa o lugar daquele que deveria ser do erudito; deste modo, o jornal é um perigo, pois as opiniões são a da imprensa, não propiciando tempo para o sujeito pensar e refletir, atrofiando sua faculdade de pensar, pois são poucos os homens que se dedicam a ler mais que o jornal, resultando em unificação de padrões e interesses, mascarando uma opinião verdadeira e desprovida de ambições, sendo que até a própria ciência se rendeu ao jornalismo, tornando o conhecimento algo medíocre e superficial.

Para Nietzsche, a cultura moderna – científica – compõem uma maneira inautêntica e degenerada da cultura, sendo a própria negação da cultura, caminhando em direção da barbárie. A tendência científica anula a cultura por sua tendência fragmentária.

Para Barros (2006, p.26):

A vida de um povo só pode crescer e florescer no elemento de sua própria cultura, pois só por meio dela pode subsistir enquanto povo. A cultura exprime e ao mesmo tempo possibilita a unidade e identidade de um povo. Ela é um certo domínio dentro de cujos limites (e somente nesse interior) a vida, na forma característica pela qual se manifesta em um determinado povo, pode afirmar-se e desenvolver-se.

Os ideais iluministas eram características centrais da era moderna alemã, que apresentavam idéias para uma renovação cultural, mas que conseguiu apenas produzir o filisteísmo cultural.

Portanto, para Nietzsche, os alemães discorrem a respeito de conhecimentos livrescos e mortos. O filósofo alerta para o fato de os modernos nada possuírem de seus, o único valor que uma enciclopédia poder ter é o seu conteúdo, ou seja, aquilo que está no seu interior, desta maneira toda cultura moderna é uma cultura interna e o encadernador colocou em sua

capa compêndio sobre a cultura moderna alemã. O sujeito moderno sofre por possuir uma personalidade enfraquecida, limitando-se a saber e lembrar somente, mas não consegue assimilar nada do passado para transformar em seu benefício.

O que se pode notar, até então, é que a cultura está entrelaçada com a questão do desenvolvimento histórico e de seu uso por um povo, deste modo, a educação e a formação podem ou não contribuírem para o desenvolvimento de uma cultura superior.

Submetido em abril de 2015.

Aprovado para publicação em junho de 2015.

REFERENCIAS

ANDLÉR, C. **Nietzsche, sa vie et sa pensée**. Paris: Gallimard, 1958. v. 1.

BARROS, B. M. **Nietzsche e o problema da cultura**. Campinas: 2006. Tese de Doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / Universidade Estadual de Campinas.

BAUDERLAIRE, C. **Sobre a modernidade**. 5^a ed. Tradução de: COELHO, T. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BENTIVOGLIO, J. **Cultura política e historiografia prussiana no século XIX: o passado e a política como vocações**. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Julio%20Bentivoglio.pdf>> Acesso em: 09 abr. 2012.

COPLESTON, F. **Nietzsche**: filósofo da cultura. Tradução de: PINHEIRO, E. Porto: Livraria Tavares Martins, 1953.

ELIAS, N. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: CABRAL, A. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FINK, E. **A filosofia de Nietzsche**. Tradução de: PEIXOTO, J. L. D. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

HOUAISS, A.; VILLAR, S. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JANZ, C, P. **Friedrich Nietzsche 2**: los diez años de Basileia 1869/1879. Tradução de: MUÑOZ, J. ; REGUERA, I. Madrid: Alianza Editorial, 1981.

MARTON. S. **Nietzsche**. São Paulo:Brasiliense, 1983.

NIETZSCHE, F. W. **Ecce Homo**: como alguém se torna o que é. 2^a ed. Tradução de: SOUSA, P. C. de. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Obras incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 2005. Col. Os Pensadores.

_____. **Escritos sobre educação**. Tradução de: MELO SOBRINHO, N. C. de. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. **Considerações intempestivas 1: David Strauss o confessor e o escritor**. Tradução de: PASCUAL, A. S. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

_____. **A filosofia na idade trágica dos gregos**. Tradução de: ANDRADE M. I. M. de. Lisboa: Edições 70, 1999.

PASCUAL, A. E. Introdução a consideração intempestiva 1: David Strauss o confessor e o escritor. IN: NIETZSCHE, F. W. **Considerações intempestivas 1 David Strauss o confessor e o escritor**. Tradução: PASCUAL, A. S. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

PASCHOAL, Da utilidade da filosofia para a vida. IN: AZEREDO, V. D. de (Org.). **Nietzsche: filosofia e educação**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

RINGER, F. K. **O declínio dos mandarins alemães**. Tradução de: AZEVEDO D. de A. São Paulo: Edusp, 1999.

WEBER, F. J. **Formação (Bildung)**, educação e experimentação em Nietzsche. Londrina: Eduel, 2011.